

José Eduardo Reis

*Para a Isabel Alves,  
com um seixo na palma da mão*

Notas breves para uma reflexão sobre as relações entre literatura e meio ambiente.

1. No âmbito de uma reflexão premente sobre as relações entre o campo de conhecimento literário e políticas de futuro, a pertinência temática de uma linha de investigação que articula o estudo da literatura e do meio ambiente encontra a sua justificação na plena atualidade política da crise global ecológica e da sua real ou imaginária deterioração futura.

2. Por outro lado, e atendendo à contemporânea determinação cultural e política do estudo da literatura, não exclusivamente orientada para a análise sistemática dos seus códigos, normas e convenções, antes configurada por diferentes contributos teóricos da de outras áreas do conhecimento das humanidades e das ciências sociais, é de salientar, como tentativa dos estudos literários darem resposta àquela crise, a emergência na década de 90 da designada ecocrítica – termo que parece reunir na academia portuguesa consenso relativamente a outros termos oriundos do universo académico anglo-saxónico, *ecopoetics*, *environmental criticism*, *green cultural studies*.

2.1 Em termos axiomáticos, Cheryll Glotfelty, a primeira editora de um primeiro *Ecocriticism reader*, define essa modalidade de estudo literário como “the study of the relationship between literature and the physical environment” (in Glotfield & From, *Ecocriticism Reader*, 1996, p. xviii)

3. À semelhança de outros tópicos de relevância política e cultural, como os da ‘raça’, ‘classe’ e ‘género’, o estudo literário do meio ambiente, procurando refletir e responder teórica e metodologicamente no interior dos estudos literários ao candente problema da pressão humana sobre a sustentabilidade das condições físicas da vida na terra, começou a adquirir consistência teórica entre as segundas metades dos anos 80 e 90 e a autonomizar-se como um subdomínio dos estudos literários no seio dos departamentos

de Inglês e de Humanidades de algumas universidades americanas no início do nosso século.

3.1. Em concreto, na origem da modelação paradigmática da ecocrítica convergem, por um lado, a tradição norte-americana de escrita não-ficcional com as suas representações da 'wilderness' por autores como Thoreau (revisitado por um dos mais influentes livros da ecocrítica americana *Environmental Imagination* (1995), de Lawrence Buell), Mary Austin, John Muir, Wendell Berry, Edward Abbey e Annie Dillard, e, por outro, as leituras revisionista do romantismo inglês, nomeadamente de John Bate, em *Romantic Ecology* (1991), e mais recentemente por Kevin Hutchings, 'Ecocritism in British Romantic Studies', in *Literature Compass* (2007) (in Timothy Clark, *The Cambridge Introduction to Literature and the Environment*, 2011, p.25, p.233)

4. Tomando como objeto geral de estudo as interconexões entre cultura (os artefactos da língua e da literatura) e natureza (a ecosfera), Glotfelty inventaria um conjunto de questões centradas no estudo literário do meio físico passíveis de serem abordados pela ecocrítica, que, pela sua variedade e extensão, vale a pena serem transcritas:

“How is nature represented in this sonnet? What role does the physical setting play in the plot of this novel? Are the values expressed in this play consistent with ecological wisdom? How do our metaphors of the land influence the way we treat it? How can we characterize nature writing as a genre? In addition to race, class, and gender, should place become a new critical category? Do men write about nature differently than women do? In what ways has literacy itself affected humankind's relationship to the natural world? How has the concept of wilderness changed over time? In what ways and to what effect is the environmental crisis seeping into contemporary literature and popular culture? What view of nature informs [...] reports, corporate advertising, and televised nature documentaries, and to what rhetorical effect? What bearing might the science of ecology have on literary studies? How is science itself open to literary analysis? What cross-fertilization is possible between literary studies and environmental discourse in related disciplines such as history, philosophy, psychology, art, history and ethics?” (Ecocriticism Reader, xix).

5. A mesma autora recorre ao modelo triádico que Elaine Showalter utilizou na categorização da crítica feminista para descrever a evolução da ecocrítica, subsumindo-a três fases: (i) a relativa à análise, na literatura canónica, dos estereótipos, distorções e

omissões da representação literária da natureza; (ii) a fase em que a crítica redescobre e reconhece uma tradição, muitas vezes de enfoque biográfico, de escrita sobre a natureza tanto em autores reconhecidos como desconhecidos; (iii) a fase teórica de configuração e de fundamentação epistémica de domínios discretos de reflexão sobre as relações entre natureza e cultura como os da “Deep Ecology” (movimento fundado pelo filósofo norueguês Arne Naess) (Clark, 23-24), do ecofeminismo e da poética ecológica. (Glotfelty, xxii-xiv).

6. Se como instância crítica, a ecocrítica “has one foot in literature and the other on land”, se como discurso teórico “it negotiates between human and the nonhuman” (Glotfelty, xix), percebe-se que possa ser genericamente caracterizada – na designação alternativa ou equivalente proposta por Timothy Clark de ‘environmental criticism’ – como “extra-vagant – from the Latin for wandering beyond the boundaries” (Clark, 4).

6.1. Em muitos sentidos, a prática ‘extra-vagante’ da ecocrítica desestabiliza as convencionais categorizações dualistas natureza/cultura, humano/não humano, eu/outro, etc., alargando o espectro e reconfigurando o campo do estudo literário para além dos limites definidos de disciplinas e abordagens convencionais, herdadas do paradigma humanista do conhecimento.

7. Em correspondência com a evolução da literatura comparada, essa vocação ‘extra-vagante’ e abertura à prática interdisciplinar da ecocrítica predispõem-na a ser utilizada como um inequívoco recurso hermenêutico da análise literária comparatista.

7.1. Resumindo essa vocação escreve Timothy Clark: “ecocriticism makes up the arena of an exciting and imponderable intersection of issues, intellectual disciplines and politics. Its potential force is to be not just another subject of literary criticism, situated within its given institutional borders, but work engaged provocatively both with literary analysis and with issues that are simultaneously both with literary analysis and with issues that are simultaneously but obscurely matters of science, morality, politics and aesthetics.” (8)

8. A predisposição comparatista da ecocrítica não deve elidir as dificuldades, tensões, contradições, oposições teóricas das/às suas abordagens, em grande medida derivadas quer da difusa ou equívoca determinação do conceito de ‘natureza’ quer do uso anacrónico, sentimental e inadequado do termo ‘natural’.

8.1. A tripartida distinção dos significados do conceito de natureza feita por Timothy Clark, como (i) a natureza em si – “the sum total of the structures, substances and causal powers that are the universe” –, (ii) opondo-se conceitualmente à noção de cultura – the “non-human world, the no-artificial, considered as an object of human contemplation, exploitation, wonder or terror” –, (iii) a característica definidora de algo – “the nature of democracy’, or the nature of ‘nature’” – (6-7) tem, por um lado, a vantagem de relativizar o sentido dogmático e redutor da tese construtivista que define a ‘natureza’ como uma entidade social e ideologicamente construída, e, por outro, de reconhecer que as leituras ecocríticas são, na sua maioria, necessariamente determinadas por abordagens e entendimentos culturais, mesmo que mitigados no seu teor antropocêntrico, da natureza / meio ambiente.

9. Há tentativas literárias, ensaísticas e poéticas, de transcender o efeito construtivista / culturalista da representação da natureza. Entre elas, Clark destaca várias propostas com valor de exemplo: (i) a de Lawrence Buell, em *Environmental Imagination* (1995), praticando uma escrita orientada por uma “‘disciplined extropection’ that submits itself to the difficult discipline of inventing language adequate to the endless variety and subtlety of things in nature, such as Thoreau’s attempt to verbalize the subtlest gradations of light on the surface of the lake” (47), (ii) a de David Abram, em *The Spell of the Sensuous* (1996), baseando-se na filosofia de Merleau-Ponty sobre as origens corporais do fenómeno da linguagem de maneira a procurar demonstrar que, “the sources of language lie in a realm in which the distinction of human and no-human does not apply” (48), (iii) a da poesia de Gary Snyder, em *Mountains and Rivers Without End* (1996), mediante a qual Snyder procura estabelecer correspondências entre os grandes ciclos ecológicos das forças elementares da natureza e os estádios da evolução da humanidade. (Para dar outro exemplo não anglo-saxónico, parece-nos que a poesia de Francis Ponge em *Le Parti Pris des Choses* situa-se nesta linha de pensamento poético proto-culturalista, digamos assim, passível de ser lido por uma abordagem ecocrítica).

9.1 Mas apesar destas experiências literárias em que a representação da relação humano/não humano ou cultura/natureza surge reordenada pela tentativa de reinventar a medida dessa relação, uma das características que definem a prática da ecocrítica é justamente a de produzir leituras, tanto de textos literários como de textos não ficcionais de incidência ambiental, que comportam diferentes medidas e competitivas concepções culturais da natureza. “For an environmental critic, every account of a natural, semi-

natural or urban landscape must represent an implicit re-engagement with what ‘nature’ means or could mean [...] with its various implicit projections what of human identity is in relation to the non-human, with ideas of the wild, of nature as a refuge or nature as a source, nature as the space of the outcast, of sin and perversity, nature as space of metamorphosis or redemption”. (Clark, 6)

10. Uma das principais áreas de estudo da ecocrítica é designada por *nature writing*. Esta ‘escrita sobre a natureza’, elaborada na esteira do ensaio de *Thoreau, Walden*, levanta questões de indefinição genológica que são remissíveis à indeterminação das fronteiras entre o ficcional e o não ficcional. Thomas J. Lyon procurou esclarecer em “A Taxonomy of Nature Writing” a diversidade e a especificidade das espécies literárias da *nature writing*, subdividindo-a em três grandes modos, a saber, (I) conteúdos temáticos sobre história natural, (II) respostas pessoais à presença da natureza, (III) interpretações filosóficas da natureza. Baseando-se em exemplos da literatura norte-americana, Lyon compõe um quadro taxonómico em que identifica e nomeia as formas específicas da ‘escrita sobre a natureza’ subsumidas aqueles três grandes modos: “(i) Field Guides and Professional Papers, (ii) Natural History Essays, Rambles, (iii) Solitude and Backcountry Living, (iv) Travel and Adventure, (v) Farm Life, (vi) Man’s Role in Nature” (Ecocriticism, 277-8).

11. Finalmente, há ainda a destacar nesta breve aproximação a algumas questões, problemas e possibilidades hermenêuticas demonstrativas do potencial comparatista e da relevância sociocultural e política da ecocrítica a sua relação com as dimensões científica e ética do pensamento ecológico. Neste sentido há a destacar a tese de Hubert Zapf, bastante influente entre os críticos alemães, de atribuir à literatura “an ecological principle or ecological force” (Clark, 153), desenvolvida no seu livro, publicado em língua alemã, em 2002, *Literature as Cultural Ecology: On the Cultural Function of Imaginative Texts with Examples from the American Novel*.

11.1. Adequando princípios e teses do pensamento ecológico à teoria literária, Zapf desenvolve a tese de que a literatura opera ecologicamente contra as tendências de obsolescência da sociedade. Segundo este autor, os textos literários providenciam um “‘sensorium and symbolical principle of compensation in relation to cultural deficits and imbalances’, a space in which socially repressed or marginalized people or issues may voice themselves. As a counterweight to social forces of homogeneity and

conformity, literary works renew continually the cultural imaginary, language and perception". (Clark, 153)